

Entre Angola e Porto Alegre, a vida que Kanhanga construiu

Artista chegou à cidade em 2005, formou família e não tem planos de ir embora

Gabriel Margonar
gabrielm@jcrs.com.br

Na semana em que Porto Alegre completa 254 anos, o **Jornal do Comércio** volta o olhar para quem ajuda a construir a cidade sem ter nascido nela. Vindos de outros países, estados e municípios, esses personagens encontraram na Capital um lugar de recomeço, trabalho, afeto e pertencimento. Ao contar suas trajetórias, a série também revela uma Porto Alegre múltipla, atravessada por encontros, contrastes e transformações vistas por quem aprendeu, aos poucos, a chamá-la de casa. No cenário econômico, até dezembro de 2025, 4.717 imigrantes estavam em vagas formais de trabalho na Capital. Com isso, a reportagem irá contar histórias de pessoas do Exterior, do interior do País e do Estado que escolheram Porto Alegre para viver.

Quando deixou Angola, em 2005, Geraldino Canhanga do Carmo da Silva carregava um plano simples, embora exigente: estudar, se formar e voltar. A passagem por Porto Alegre, viabilizada por uma bolsa de estudos no Centro Universitário Metodista (IPA), parecia ter data para terminar. Tinha pouco mais de 20 anos e uma rota (intercontinental) traçada com clareza.

Duas décadas depois, aos 43 anos, o retorno está longe de ser prioridade. A cidade que era destino provisório se transformou no lugar onde ele construiu quase toda a vida adulta. “Eu cheguei aqui com 20 para 21 anos. Hoje tenho 43. Então, praticamente me formei como homem aqui”, conta.

O plano não foi abandonado - foi ampliado. Antes mesmo de sair de Angola, Kanhanga já estava ligado à cultura hip-hop. O curso de Administração era parte do cami-

nho, mas não o único. Ao concluir a graduação, decidiu permanecer e investir no que, até então, era sonho. “Eu já vinha da cultura do rap e tinha o desejo de lançar um disco. Quando terminei a faculdade, decidi seguir isso aqui em Porto Alegre”, recorda.

A escolha abriu um percurso que extrapolou a música. Ao longo dos anos, ele passou a atuar como escritor, palestrante, mentor e produtor cultural. O nome artístico, Kanhanga, deixou de ser apenas assinatura para se tornar síntese de identidade - construída entre as referências de origem e as experiências vividas na Capital.

Hoje, é uma das vozes mais ativas na pauta imigrante no Estado. Está à frente da Casa dos Imigrantes e Refugiados, espaço que acolhe pessoas de diferentes nacionalidades. O protagonismo, no entanto, não foi planejado. Surgiu de uma urgência escancarada durante a pandemia.

“Começaram a chegar muitos casos de imigrantes em situação de vulnerabilidade. Pessoas que tinham recém-chegado, não falavam a língua, não tinham trabalho, nem rede de apoio.” Diante da demanda crescente, ele e outros voluntários organizaram, em 2020, uma campanha que arrecadou cerca de R\$ 11 mil para a compra de alimentos, itens de higiene e máscaras.

O que começou como resposta emergencial ganhou forma. Primeiro, dentro da Associação dos Angolanos. Depois, com a criação da Casa dos Imigrantes e Refugiados, que ampliou o atendimento para além de uma comunidade específica. “A gente precisou estruturar para dar conta”, lembra.

Essa é primeira matéria da série que celebra os 254 anos de Porto Alegre pelos olhos de quem não é daqui



Usina do Gasômetro é o lugar preferido do imigrante na Capital

Início restrito e inserção através do basquete auxiliou o angolano

A trajetória, hoje consolidada, contrasta com um início marcado por limites. Nos primeiros anos, Porto Alegre se restringia quase inteiramente ao campus universitário.

Kanhanga chegou acompanhado de 15 angolanos e viveu por quatro anos em uma república, dividindo o espaço com estudantes de países como Moçambique, Haiti, Portugal e Timor-Leste.

Era uma convivência intensa - e, ao mesmo tempo, fechada. “A gente vivia praticamente dentro

do campus. Tinha tudo ali. Quase não saíamos”.

Já os primeiros estranhamentos vieram nos detalhes. O frio do inverno foi o impacto imediato. Depois, a linguagem. “Embora já falasse português, as gírias eram diferentes. Demorei um pouco para entender tudo.” Em uma Porto Alegre ainda menos diversa, a adaptação dependia, sobretudo, de iniciativa individual.

E, com o tempo, a cidade começou a fazer sentido fora da universidade. Nesse processo, o basquete teve papel central. Foi ele que levou Kanhanga até a Redenção - espaço que se tornaria pon-

to de encontro, convivência e pertencimento. “Eu passava horas ali, principalmente no verão. O esporte ajudou muito na minha inserção.”

Vieram, depois, os eventos culturais, o contato com outros artistas, a experiência de morar no Centro, na rua Riachuelo. A partir daí, Porto Alegre deixou de ser fragmento e passou a ser território. “Cada bairro parece uma cidade diferente. Isso sempre me chamou atenção.”

Por fim, a adaptação ainda passou por hábitos cotidianos. Em Angola, o peixe era presença constante. Por aqui, o churrasco ganhou espaço. “Hoje eu gosto muito de carne, virou meu prato preferido”.

Construção da identidade, diversidade e cultura

Ao longo de 20 anos, ele acompanhou transformações visíveis e silenciosas. O crescimento imobiliário é uma delas. Mas nem sempre, observa, acompanhado por avanços equivalentes em outras áreas. “A gente vê muitos prédios sendo construídos. Mas nem sempre isso vem junto com o aumento de espaços educativos”, cita.

Há, por outro lado, mudanças que ele identifica como conquistas. A diversidade é a principal. “Hoje há muito mais imigrantes e uma presença maior da população negra, inclusive nas universidades”. A transformação, para ele, também passa pela estética e pela ocupação de espaços. Essa leitura dialoga com a própria trajetória. Ao perceber o orgulho do gaúcho pela sua cultura - algo que o impactou logo nas primeiras semanas, ao conhecer o Acampamento Farroupilha - ele passou a olhar com mais

atenção para as próprias origens.

Porém, a cidade que acolheu também expôs contradições. Ao longo dos anos, o angolano enfrentou situações de racismo. “Já vivi isso, sim. Existe”. Não se alonga no tema, mas não o ignora: “Eu procuro focar nas pessoas boas, que também são muitas”, afirma.

Quando fala sobre serviços públicos, a análise é atravessada pela comparação com a realidade de origem. “Para quem vem de onde a gente veio, ter acesso à saúde, educação e serviços já é muito.” Ele cita a própria experiência: filhas nascidas em hospital público, atendimento em posto de saúde, acesso à escola. “Nunca tive dificuldade. O SUS, para mim, é um grande modelo”.

Porto Alegre também é, hoje, lugar de família. Duas de suas filhas nasceram na cidade, e os espaços ganharam novas camadas de significado. A Redenção deixou

de ser apenas ponto de encontro e passou a ser cenário de rotina com as crianças. A Usina do Gasômetro se consolidou como marco afetivo e profissional. “Fiz eventos, apresentações, gravei clipes. É o meu lugar preferido na cidade”.

Torcedor do Grêmio, ele já teve uma relação mais próxima com o futebol. Durante alguns anos, produziu conteúdo no YouTube com o canal Kanhanga SportRap, dedicado a raps sobre jogadores. O canal, hoje sem atualizações, ainda reúne quase 500 mil seguidores.

Nos últimos anos, o foco se voltou aos livros e às palestras. Em Seja Incrível, seu primeiro livro, parte da própria trajetória para discutir desenvolvimento humano e protagonismo juvenil. Sobre o futuro, ele não descarta voltar a Angola, mas entende que ainda não é o momento. “Ainda tenho muita coisa para construir aqui”, finaliza.

Perfil

Nome: Geraldino Canhanga do Carmo da Silva
Local de origem: Angola
Ano que chegou: 2005
Local preferido na cidade: Usina do Gasômetro
Comida preferida: churrasco
Área cultural preferida: hip hop
Clube da Capital: Grêmio